

---

## **Jornalismo Cultural na TV: A diversidade de fontes e conteúdos no É Bem Mato Grosso<sup>1</sup>**

Giordano de Arruda TOMASELLI<sup>2</sup>

Nealla Valentim MACHADO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

### **RESUMO**

Em Mato Grosso, um dos principais programas no ar na televisão dedicado à cultura é o "É Bem Mato Grosso", da TV Centro América. Utilizando como metodologia a Análise Televisual Convergente de Becker (2019), este trabalho tem o objetivo de analisar se há uma diversidade de fontes e quais tipos de conteúdos são exibidos no programa especificamente nas matérias, jornalísticas, de entretenimento ou de INFOtenimento, que abordam elementos culturais da região da baixada cuiabana exibidas em abril de 2023. Após as análises, concluiu-se que o programa tenta se diversificar, traz equidade em suas fontes, mas ainda precisa avançar quanto a presença de fontes racializadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Telejornalismo; Cultura; É Bem Mato Grosso; INFOtenimento.

### **CORPO DO TEXTO**

Nesta pesquisa, trabalha-se com um produto televisivo que visa à cultura regional, e, especificamente, de conteúdos de manifestações culturais da região conhecida como Baixada Cuiabana, que por muitas décadas não teve seu devido valor atribuído por parte de sua própria sociedade. Segundo Basso (2006), ainda há muita confusão entre as pessoas ao considerar como Jornalismo Cultural apenas a veiculação da cultura erudita, letrada ou simplesmente chamada de ilustrada, pois ainda hoje há muitos que ignoram a cultura regional cuiabana pelo simples fato de ser popular e considerada “menos erudita”.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão e Televisualidades, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduado em Jornalismo pela UFMT, email: [giordanoarruda@hotmail.com](mailto:giordanoarruda@hotmail.com).

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder (PPGCOM) e do departamento de Comunicação (UFMT), doutora em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO), e-mail: [nealla.machado@ufmt.br](mailto:nealla.machado@ufmt.br).

---

Este trabalho pretende fazer uma análise do mais importante programa cultural mato-grossense no ar hoje na TV aberta, em termos de estrutura, audiência e repercussão, o “É Bem Mato Grosso”. Para falar dele, é importante lembrar que ao longo das últimas décadas, o jornalismo cultural acompanhou com a ascensão da televisão momentos chave de ampliação da indústria cultural, que tornou o entretenimento em um dos setores mais ativos e promissores da economia global (Piza, 2003). O segmento já não é mais um modelo datado focado em crônicas e críticas como era no impresso, abrangendo também reportagens especiais sobre arte, música, cinema, dentre outros temas, e ganhando mais possibilidades na televisão e mais recentemente na internet.

Mas a mídia, assim como pode contribuir para valorizar e difundir culturas plurais e diversas, pode também provocar representações distorcidas, artificiais e estereotipadas (Cerigatto, 2015). No contexto mato-grossense, a quantidade e a diversidade de manifestações culturais presentes em seus municípios são incontáveis. Dentre elas destacam-se as festas de santo, a gastronomia, as danças como o Siriri, Cururu, Congo, Lambadão, Rasqueado e a dança dos Mascarados, dentre muitas outras. Apesar de mostrar um pouco sobre a diversidade de arte popular das comunidades mato-grossenses, atualmente estas manifestações são compartilhadas por um número menor de pessoas porque há um precário processo de divulgação e falta de investimentos na cultura local (Amaral; Garcia, 2021).

Ao perceber a diversidade de manifestações, que podem vir a ser exibidas, se faz necessário analisar a diversidade de fontes que o programa apresenta, razão pela qual esta pesquisa passa por temáticas importantes levando em consideração o gênero das fontes, a diversidade racial e o tipo de fonte, oficial ou popular. Ao defenderem que a objetividade jornalística na verdade tem raça e gênero, as autoras Fabiana Moraes e Marcia Veiga (2019) entendem que a reprodução dessas ideologias pelo jornalismo, sustentada por uma racionalidade, resulta na reprodução de estereótipos e preconceitos. Rosa Fischer (2002), ao escrever sobre a ludicidade da TV, também afirma que questões que se relacionam ao “tratamento das diferenças (de gênero, de etnia, de geração, de condição social, de profissão, etc.) estão sobretudo relacionadas a modos de representação, de enunciação, a formas de interpretação e de comunicação” (Fischer,

---

2002, p. 159), ressaltando a imensa responsabilidade desse meio de comunicação ao tratamento dado aos grupos sociais.

Para Fabiana Moraes e Marcia Veiga a busca por uma imparcialidade no jornalismo era amparada pelo discurso de uma objetividade. Objetividade essa que na verdade tinha gênero, classe e raça (Moraes, Silva, 2019) e ia contra o que entendemos por jornalismo cultural, que deve ser feito de forma acessível, muito bem explicada e contextualizada pois, caso contrário, pode gerar desentendimento e até mesmo intolerância entre culturas de civilizações e localidades diferentes (Cerigatto, 2015).

Diante do objetivo desta pesquisa, que é investigar a diversidade de fontes e conteúdos, foi adotada a metodologia da Análise Televisual Convergente (ATC), proposta por Beatriz Becker (2019), que pode ajudar a analisar e compreender melhor os sentidos e códigos transmitidos no texto ou na imagem e identificar possíveis problemáticas, falhas ou desigualdades por parte do programa através do conteúdo veiculado, ou até mesmo potencialidades da atração. Becker (2019) defende que a aplicação da ATC é uma ferramenta flexível porque ela implica observar um conjunto de especificidades, próprias dos telejornais e programas televisivos, onde algumas das observações serão úteis a esta pesquisa.

Uma das etapas da Análise Televisual é a realização de um estudo quantitativo e qualitativo do texto em áudio e vídeo e a interpretação dos resultados. Pensando nisso, para analisar questões importantes desta pesquisa, o autor estipulou algumas categorias de análise. É importante ressaltar que as categorias foram elaboradas antes do conteúdo ser assistido, baseadas somente nos objetivos pensados para esta pesquisa. Utilizando esses conceitos da ATC, foram criadas as categorias: “Qual é o tipo de conteúdo?”, “Quantas fontes são ouvidas?”, “Apresenta fontes populares?”, “Relação do total de fontes ouvidas/Fontes femininas” e “Relação do total de fontes ouvidas/Fontes racializadas”. Todas essas categorias de análise, juntamente às suas opções de respostas, foram sistematizadas para a realização da codificação em cada matéria analisada.

Essa escolha de se analisar as fontes se justifica pela importância das fontes no trabalho jornalístico, pois o jornalista se vale do conhecimento das fontes na fase de produção da notícia, quando ele busca informar os outros e ainda afirma que o jornalismo recorre ao conhecimento das fontes para aprofundar a apuração e humanizar a notícia. Sabemos que o noticiário é feito a partir de escolhas implícitas nas rotinas

jornalísticas (Biroli, 2011) e, além disso, a escolha e seleção de fontes pode dizer muito sobre o programa ou até mesmo sobre o veículo de comunicação e a mensagem que quer passar para o público, aumentando a responsabilidade do repórter que, segundo Lage (2006, p. 21), tem a tarefa de “selecionar e questionar essas fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo técnicas jornalísticas”. Consideramos nesta pesquisa como fontes as pessoas entrevistadas em que a voz pôde ser ouvida pelo espectador e que tiveram seus nomes identificados no vídeo.

Pensando nesse contexto de que as fontes podem evidenciar quem está ou não autorizado a falar, buscamos as características das fontes ouvidas no *É Bem Mato Grosso*, quantificando as fontes ouvidas em cada matéria e observado se esta apresenta alguma das fontes como sendo popular. E aqui considera-se como popular toda a fonte que não é autoridade, representante de alguma instituição, famoso/celebridade ou especialista no assunto (ex. médico, historiador, estudioso, etc.). Sendo este um programa sobre cultura local, é importante observar se os representantes desse público são convidados a estar na frente das câmeras. Em outra ponta, cada vez mais se debate a dependência do jornalismo pelas fontes oficiais e, sendo o jornalismo responsável por moldar a forma como a sociedade se vê, mais do que pensar sobre representatividade e sobre diversidade de quem é ouvido, é necessário questionar a estrutura da sociedade e como ela se reflete nas instâncias pessoais e corporativas (Alcântara, 2021).

Com a categoria “Relação do total de fontes ouvidas/Fontes femininas” buscou-se observar se há no programa uma desigualdade de gênero entre suas fontes. A problematização dessas questões que estiveram presentes por anos como parte intrínseca da produção do trabalho jornalístico é importante porque é a partir daí que podemos “refletir sobre os aspectos da noção de objetividade jornalística dominante e suas relações com a prevalência do machismo e do racismo nas estruturas de produção do conhecimento jornalístico” (Moraes; Silva, 2019, p. 3). Ainda nos dias de hoje, mesmo sendo maioria nas redações e nos cursos de graduação em jornalismo no Brasil, não há uma ocupação proporcional nos postos de trabalho para as mulheres (Alcântara, 2021).

Essa categoria vai ao encontro da seguinte, sobre a “Relação do total de fontes ouvidas/Fontes racializadas”. Como já citado, durante muitos anos, o método norteador

do fazer jornalístico foi a busca por uma “objetividade”, uma “universalidade”, que acabava sendo baseada em uma neutralidade, com uma noção de sujeito universal, que seria o homem branco, heterossexual e ocidental (Moraes; Silva, 2019). Corroborando com essa afirmação, Lélia Gonzalez (2020, p. 47) destaca que os meios de comunicação de massa na América Latina reproduzem e perpetuam “uma crença de que as classificações e os valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais”.

As categorias também foram pensadas sabendo que Mato Grosso é um estado onde mais de mais de 60% da população se autodeclara negra e parda, de acordo com dados do Censo de 2010 do IBGE e onde 49,7% da população são mulheres, de acordo com dados do Censo de 2022. É interessante observar se há uma representação condizente com a característica da população mato-grossense no programa que se propõe a representar a cultura desse povo.

A primeira categoria, que corresponde ao tipo de conteúdo apresentado na matéria, tem a função prática de delimitar que espectro cultural é o foco principal da abordagem. As opções foram “Sotaque”, “Culinária”, “Dança”, “História”, “Música” e “Outro (especificar)”, sendo esta última para ser utilizada caso nenhuma das anteriores forem contempladas.

Após a análise, foi possível concluir que o programa acolhe bem as fontes populares, que foram maioria dentre as ouvidas (53,5%), frente a outros tipos de fontes como as oficiais e especialistas. Quando olhamos o gênero das fontes, este também não parece ser um problema. Apesar de ainda minoria (46,5%), há ali um certo equilíbrio, com uma diferença pequena entre as fontes masculinas e as femininas, ainda as menos ouvidas.

Já quanto à diversidade racial, quase 42% racializadas, ante mais de 58% não sendo, a atração ainda tem um caminho a percorrer no que se refere à equidade racial de suas fontes. Não se esquecendo também que aqui se trata de um recorte dos conteúdos do programa, além de não ser feita uma comparação com um período anterior, não sabendo assim se esse número de fontes racializadas na verdade vem crescendo, ou não.

Além disso, o programa contempla uma diversidade de conteúdos, abrangendo um leque de assuntos nos mais diversos temas, como culinária (onde houve uma incidência maior de matérias, cinco do total), dança, história, música e linguajar (o

tópico que menos apareceu, somente uma vez). Portanto, o programa também tem potencialidades, fazendo que sua manutenção na grade, em um cenário de poucas atrações inteiramente culturais sendo exibidas na TV a nível estadual, é de suma importância para todo o setor e para que se mantenha esse espaço conquistado para a área cultural. É esperado que este estudo e seus resultados possam servir como base para novas pesquisas no âmbito do telejornalismo cultural em Mato Grosso, ainda escassas.

## REFERÊNCIAS

ALCANTARA, Juliana. Gênero e jornalismo: quem produz as notícias e como influenciam no discurso. **Observatório (OBS\*)**, v. 15, n. 1, 2021.

AMARAL, I. M. B.; GARCIA, D. F. Patrimônio Histórico e a Dança dos Mascarados: como a história e a cultura da baixada cuiabana se perdem no culto ao progresso. In: Cristóvão Domingos de Almeida, Rita de Cássia Domingues dos Santos Naine Terena de Jesus. (Org.). **Comunicação Cultural e o Outro**. 741 ed. Bagé- RS: FAITH, 2021, v. 2, p. 184-196.

BASSO, E. F. C. Jornalismo cultural: uma análise sobre o campo. In: **ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM**, 6., 2006, Brasília. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/99945753851980735137884571481134101142.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2024.

BECKER, Beatriz. **Análise Televisual Convergente**: um procedimento metodológico para leitura crítica dos processos comunicativos de telejornais e programas televisivos. *Galáxia* (São Paulo) [online]. 2019, n.42, pp. 69-81. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-25532019339781>. Acesso em: 1 nov. 2023.

BIROLI, Flávia. “Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico”. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 6, p. 71-98, 2011.

CERIGATTO, M. P. **O Papel do Jornalismo Cultural e a relação com a Cultura Popular**. *Revista Extraprensa*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 38-49, 2015. DOI: 10.11606/extraprensa2015.106866. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/epx17-a04>. Acesso em: 19 fev. 2024.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e pesquisa**, v. 28, p. 151-162, 2002.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

---

VEIGA DA SILVA, Márcia; MORAES, Fabiana. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. **XXVIII Encontro Anual da Compós**, Porto Alegre, 2019.